

De Rubem Braga Para o DIARIO CARIOCA

AH, QUE EXTRAORDINARIAS NOITES ELES RECORDARÃO!

COM A FEB NA ITALIA,
(De Rubem Braga, correspondente do DIARIO CARIOCA — Novembro de 1944 — Via aérea) — Um acampamento militar é um lugar bastante monótono para qualquer pessoa — e intolerável para um correspondente de guerra. Para começar, o que menos se tem no acampamento é notícia da guerra.

Mesmo que se esteja acampado a poucos quilômetros da frente, as únicas notícias que aparecem são de um setor limitado de uma frente determinada.

Podemos saber — e nem sempre com muita rapidez — que tal batalhão avançou ou recuou — mas o que é um batalhão numa guerra — que seja um regimento, que seja uma divisão, que seja um corpo de Exército, ou um Exército.

Serão sempre notícias de tantos milhares de homens, numa guerra de milhões.

No caso presente é verdade que temos um jornal — o "Zé Carioca" — mas uma pobre folha mimeografada não mata nossa fome de notícias.

O reporter, que não tem notícias do mundo, consola-se dando ao mundo notícias de um determinado setor.

Mas para um correspondente "via aérea" esse consolo é muito problemático.

A notícia — essa coisa preciosa e portátil como o ouro, é mercadoria com que ele não faz negócio.

Sua mercadoria é de frete mais barato e valor muito menor.

O que ele pode é "fazer o ambiente". Mas o ambiente muda ao saber das alegrias e dos contratempos da guerra — e a parte que não muda é exatamente a que menos interessa, ou cujo interesse se esgota mais depressa.

Para fugir a essas tristes meditações, o reporter sempre que pode, sai para a estrada — e a estrada é sempre amiga mesmo com essa chuva que não perdoa um dia da semana.

Hoje vamos anoitecer numa cidade da retaguarda. Arranjamos um lugar para jantar, mas quando á mesa ouvimos o estrondo de centenas de tiros. Todos se erguem; fecham-se as janelas rapidamente. E quando pensamos que temos de nos meter em algum triste abrigo, é contrário que acontece. Todos os que estão ali — homens da Aviação e do Exército — saem á rua, e ficam na calçada.

O fogo da artilharia anti-aérea é mais intenso: estoura de todos os lados, com verdadeira furia.

Então erguemos os olhos — e compreendemos porque todos saem para a rua: em vez de se enfiarem em algum buraco.

Esse avião inimigo que vem lançar bombas ou apanhar informações nos oferece, sem querer, uma bellissima festa. Sua aproximação foi assinalada, seu ronco foi ouvido — e a monotonia de nossa noite de retaguarda está esolvida.

De todos os lados do horizonte os canhões e metralhadoras funcionam instantaneamente, numa extraordinária orgia de ribombos e luzes.

E' como se uma tarrafa estúpida fosse lançada sobre nós, uma tarrafa, monstruosa de fogos de várias cores, cobrindo a terra em toda a volta do horizonte, ansiosa de apanhar esse inimigo que voa em qualquer ponto da escuridão.

Depois os fogos se apagam, as estrelas descem, a noite é outra vez escura e triste, com a população metida em suas casas, as ruas enlameadas e longas.

Saímos no "jeep" — mas temos de parar e apagar os faróis: a pirotécnica faustosa recomeça numa arrebatada universal.

Saltamos do carro, olhamos — e descubro, junto a um muro, as mãos unidas, olhando o céu, um casal de namorados italianos.

Ah! que extraordinárias noites eles recordarão.

11. 1. 65 45

(Luminárias - Nov/44 - FEB

pg. 44 62

98